

*Yohan B.
Victor Folquening
Camila Rodrigues
Manolo Ramires
Edson Rossatto
Rafaela Santos
Daniel Zanella
Clara Novais
Noslen Borges
Giovanna Lima
Susan de Moura*



Zacis Veiga

Relevo

Editorial

“Os verdadeiros artistas não copiam: roubam.”

Pablo Picasso

Lamentamos profundamente se você não consegue ler esta página até o fim. Meu irmão, dê uma chance aos cronistas que desvelam diante da noite as suas lamentações e brilhos. Ou não dê por mero capricho: deixe que as preocupações do dia tomem as rédeas do infinito, os caminhos não estão de brincadeira.

Mesmo que a nossa crônica seja assim, tão simples e perene, tão risível e imprecisa, como qualquer coação aos troços num sábado sem destino, mesmo que chova lá fora e

a noite chegue e nos carregue através dos sonhos.

O jornalismo impresso vive em constante crise identitária - e de tanto repetir pode ser que acertemos.

Também pode ser que lá pela madrugada indistinta encontremos ao fundo de nossa pensão uma voz para chamar para perto e essa voz não nos julgará, assentirá diante de todas as nossas manias e luxúrias, absorverá tudo o que consagramos ao indizível.

A crônica talvez seja esse pertinente encontro entre a nossa solidão e outra ainda mais eterna, a dificuldade de co-

municação, a busca por um porto menos pavoroso - a ilha onde relemos nossas seitas.

Folheie este jornal fora de seu tempo, venha dialogar, chorar, estrebuchar, xingar o seu amigo que defende o patrão, descobrir onde fica o lado de dentro do mar e a parede do oceano.

A literatura a partir de uma outra vida e de um outro plano: a luta pelo compartilhamento e pela palavra mais pura - o leitor e seus tentáculos, em busca tão obscura quanto a origem da escrita e da primeira rasura.

O prazer de ler

Lendo, somos cúmplices, coautores, temos a chance de criar, em nossa mente, aquilo que o autor tenta nos transmitir com palavras. Ler é, portanto, um exercício de liberdade.

Heloisa Seixas

Expediente

Fundado em Setembro de 2010

Edição: Daniel Zanella

Revisão: Kelly Knopik

Impressão: Gráfica Helvética

Tiragem: 2000

Edição finalizada em: 30 de setembro, 20h.

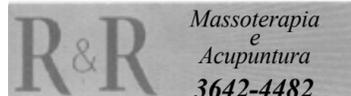
Contato

Twitter: www.twitter.com/jornalrelevo | Facebook: [Jornal Relevo](http://www.facebook.com/jornalrelevo)
Envie suas crônicas, críticas e sugestões para jornalrelevo@gmail.com



O RelevO, às vezes, não se responsabiliza pelo conteúdo publicado de seus autores.

Apoio Cultural



Colaboradores

Yohan B.

Escritor curitibano. Cursa 6º período de Jornalismo na UP.

Daniel Zanella

Cursa 4º período de Jornalismo na UP. Publica suas crônicas no endereço letrasnumcanto.com.br

Rafaela Santos

Jornalista. Publica seus textos no endereço mocaemcrise.blogspot.com

Victor Folquening

Jornalista, professor e pesquisador. Diretor da Radioweb Unibrasil e editor do Jornal União, de Campina Grande do Sul.

Manolo Ramires

Jornalista e cronista nascido no Ceará. Publica seus textos no endereço bloginparana.wordpress.com e nabocadocavalo.blogspot.com

Edson Rossatto

Editor e escritor paulista. Publica seus textos no endereço edsonrossatto.com e centoquescravados.com

Camila Rodrigues

Cursa 8º período de Jornalismo na UP. Publica seus textos no endereço relaxaeblogue.blogspot.com

Clara Novais

Escritora mineira. Publica seus textos no endereço paraversecola.blogspot.com

Susan Blum Pessoa de Moura

Escritora e professora universitária.

Noslen Borges de Oliveira

Escritor e professor de Língua Portuguesa. Publica seus textos no endereço fotolog.com.br/noslenborges

Giovanna Lima

Jornalista e cronista. Publica seus textos no endereço avessos.com.br

Zaclis Veiga

Fotógrafa e coordenadora do curso de Jornalismo da UP.

Carta do Leitor

Zaclis Veiga

Daniel Zanella

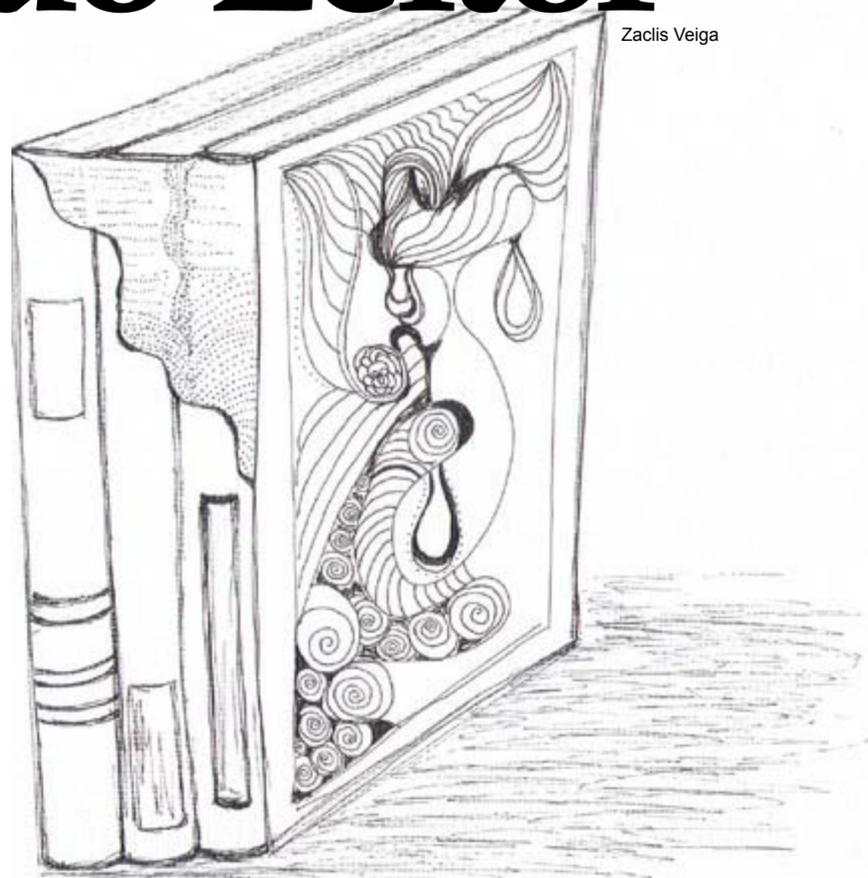
Sou seu leitor desde a primeira crônica, aquela em que você se revelou apaixonado. Estive lá quando ela começou a sair com o seu melhor amigo. Dividimos o mesmo copo de amargura. Fiquei saudosos ao seu lado quando a sua companheira viajou e acompanho atentamente a sua fascinação por todas as mulheres de olhos verdes. Não concordo muito. Creio que a sua mulher também não. Mas compreendo: a vida feita de pequenos sustos e intervalos irregulares.

Não cheguei até aqui para dizer altares. Por isso, não me leve a mal quando lhe digo que és um tanto monotemático e transparece a sensação de escrever sempre o mesmo texto. Digo mais: o senhor procura a forma, encontra-a, e despeja a mesma essência. Por quê? Sim, posso ouvir a sua defesa. A crônica como historicidade do cotidiano e a infusão particular da realidade, espaço escasso de literaturas avançadas. - O que não justifica esse certo descuido de quem escreve somente para o dia. Essa coisa de jornalista que requeenta matéria de assessoria. Não aceito desculpas. Muitas vezes acredito que o escritor lê menos do que deveria, ou, pior, lê como se estivesse no ônibus, mais preocupado em chegar do que outra coisa. Falta-lhe algo mais de arrisco, não se sei por limites ou por talento,

questão que a madureza trará de nos responder. Há um timbre, não sei se uma voz inteira. [E quando o horizonte for palpável e não houver mais ovos para retirar do cesto?]

Aponto outras incompletudes. O cronista não se aventura pela política porque esnobe, já que potencialmente fazemos política até para levantar da cama. Também não compreendo o seu ranço atei-

ta, embora concorde com a afetação contra os amantes da bicicleta. É, de fato, uma gente muito chata. Pare de escrever para somente dois leitores, a dizer: você e a pessoa cifrada. Egoísmo de sua parte. Em outras ocasiões, são tantos os dedos no que se escreve que até parece que o senhor não está em dia com as suas contas e receia que a telefonista do serviço de proteção ao crédito bata na sua porta bem no meio de



um texto.

Pense nisso.

Por fim, reconhecendo-me como leitora e integrante de um universo próprio, de cores diversas, às vezes sombrias, gostaria que você me escrevesse uma crônica de tal modo iluminada e transcendente que o meu homem ficasse profundamente incomodado, com ciúmes até, acreditando que há um outro apaixonado por mim. Ele brigaria comigo,

fariamos as pazes, ele me abraçaria com mais força do que habitual, me amaria com terror e pressa, e um pouco antes de dormir, pediria a ele que me buscasse um copo de água. Em silêncio, beberia em nome de nossos corações, do meu amor, deixando um espaço para o seu nome, ali, um pouco à esquerda, sábia que sou de pertencer a um escritor que escreve com a mão direita, apesar de canhoto.

EXATO

CENTRO EDUCACIONAL

Pré-vestibular e Enem - Ensino Superior Curso Técnico
Preparatório - Graduação Pós-Graduação
Aprendizagem Empresarial e Industrial

Fone: (41) 3552-1542 / 3552-5895

Av. Dr. Victor do Amaral, 1020, 2º andar - Centro - Araucária | www.exatoeducacional.com.br | exato_cursos@brturbo.com.br

Yohan B.

Com batom vermelho-sangue

Minha poesia é pura,
Nítida e previsível
Comedida e educada
Mas só até o primeiro verso
Depois cresce, ganha corpo
Sai pra vida e perde o cabaço
Leva porrada do mundo
E aprende como funciona
Vira poesia de rua,
Poesia marginal
De bêbado, drogado e puto
Poesia escrita no asfalto
Com óleo de motor
Rabiscada no espelho
Com batom vermelho-sangue
Passa a ser poesia descontrolada
De todos e de ninguém
Abandonada num guardanapo

Debaixo do copo de gim
Poesia entalhada à navalha
Na mesa no fundo do bar
Cercada de velhos nazistas
De colisões e fumaça
Porres de pinga e carros em chamas
Poesia de estuprador arrependido
De bailarina aleijada
Poesia em fim de carreira
Já meio arregaçada
Poesia prostituída
Filha dos esgotos de Curitiba
Iluminada pelos semáforos
E postes com furo de bala
Poesia minha é farpada
Feita pra ler e jogar fora
Poesia das três da manhã
Pra queimar quando amanhecer

Zaclis Veiga

Napalm

estamos em frente a sua casa
e ela pergunta se eu quero entrar
não, eu não quero, digo
um minuto depois ela pergunta de novo
e eu digo, sim, sim, eu quero
porque não tenho vontade própria
ou nada melhor pra fazer
ou os dois
e ela diz,
você não está indo a lugar nenhum mesmo,
nem agora nem daqui 20 anos
e o mais longe que pode chegar
é alguns metros debaixo da terra,
então por que não tentar?
já tentei demais,
ou de menos,
e eu poderia correr
e fugir e lutar
e tentar mais uma vez,
mas quando me dou conta
estou deitado em sua cama
olhando para fotografias que mostram lugares
distantes onde eu poderia chegar,
mas provavelmente não irei
a distância daqui até o Nepal
é menor do que essa que existe
entre nós dois,
e peço que ela apague a luz



Victor Folquening

Softly as in a evening sunday

Que tal?

Um nacho ou uma carinha esperta na minha mansão de três quartos e dois banheiros, um com problemas hidráulicos, e uma cozinha conjugada à lavanderia cujo piso se despedaça dia a dia ("conjugada" é a versão imobiliária da palavra "diferenciada").

Só gente diferenciada, que pode vir conjugada. Tipo a Sra. Musso e o bebê Mussinho e o tio Mussum.

Jogamos um jogo adolescente, tipo Master ou aquele de cinema do Rodolfo. Ou poker! Ou stripepoker (não aquele que você tira a roupa, mas que fica listrado).

Podemos ver a sorte com Me. Perséfone, beber muito (menos o bebê Mussinho, a não ser leite batizado) e falar mal das pessoas que não são diferenciadas ou que são nossos amigos, mas mal conjugadas, tipo o F... Felix Guatarri.

Olhem os destinatários: só gente que perde a compostura depois do primeiro gole. Até o Benett aguenta menos que eu! Quer coisa melhor? Sexo mais fácil? Carteira mais facilmente esquecida perto de você? Boquete espontâneo? Simulação de UFC num sofá de dois lugares com direito a finalização?

Eu estou saindo agora para ver O Planeta dos Macacos de grátis, depois vou tomar um sorvete na Paeteria, depois vou trocar um chuveiro por algumas colheres, depois vou comprar tequila. Sim, esse era o fim da jornada. Tequila. Com um bruss rolando até altas horas. E combinamos bera e vinho, de preferência difícil de abrir, já que a multitalentosa Elaine abre vinho com clipes.

Amanhã, à tarde, depois de todo mundo dormir, fazer amor em casa ou no quintal, fumar um baseado ou rezar no pátio do Medianeira, como é o caso da Patrícia.

Quem quer? Quem topa? Quem quer chegar ao final desse game Mario Brothers?

Seu súdito,
Victor.



Zaclis Veiga

Os Miseráveis

Manolo Ramires

Ele para o ônibus e vai embarcar. O homem está fedorento. É negro. Bem fedorento. Ligeiro, o motorista inventa uma regra: com caixa não é permitido entrar. Refere-se a caixa de madeira que geralmente acomoda morangos vermelhinhos. Com a caixa não sobe, repete o motorista. Mas o aroma azedo de bebida seca embarca no olfato das pessoas antes que percebam: é um maltrapilho escurinho. O homem, que carrega pedaços de bolos e doces carinhosamente embalados em plásticos transparentes e papel branco protesta: é minha caixa de trabalho.

Mas não sobe, reafirma o condutor, que intui no ar o apoio dos passageiros. O homem ironiza: a caixa não pode, mas se fosse uma bomba... Pode explodir, se antecipa o comandante do ônibus municipal, vendo que a sua provocação tinha respaldo na plateia. O negro fica em desvantagem e está prestes a ser escorraçado.

Mesmo assim, mantém-se firme. Arranca rapidamente todos os kits da caixa e joga a madeira fora. O motorista perdeu. Dentro do ônibus, os passageiros estão desconfiados das vontades do novo companheiro. Venderá os produtos? Explodirá a bomba? Vai roubar-nos? Enquanto isso, o coletivo

faz uma curva brusca proposital. Caem as embalagens. Ninguém se esforça para ajudar o tolo. Ele recolhe tudo, depois coloca as mãos no bolso e os constata vazios. O cobrador também.

- Como que é, vai passar ou não? -, provoca.

- Tô sem dinheiro.

- Então vai descer.

- O dinheiro ficou na caixa, preciso voltar e pegar.

- Só vai descer quando eu quiser -, retoma o poder o condutor.

- Mas...

- Fica quieto.

O clima esquenta. O homem ras-teja e tenta burlar o sistema ras-

tejando por debaixo da catraca. O terror se reflete nas pessoas que fogem para o fundo do ônibus. A ordem chega quando o cobrador dá um cascudo no negro. Este ergue-se em desobediência e ameaça o agressor com uma garrafinha de chocomilk vazia. É contido pelo colarinho.

- Tem que pagar.

- O dinheiro ficou na caixa.

- Dane-se.

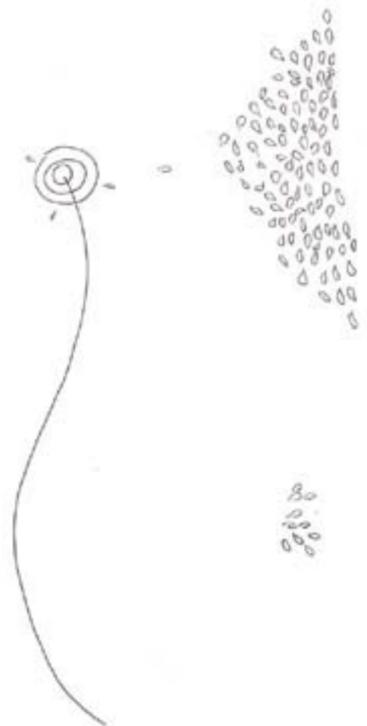
Os sapatos se aproximam. Ao longe pode vir o linchamento. Basta o primeiro soco. Uma pessoa se aproxima. No fundo do ônibus, celulares com câmeras são acionados. O homem mete a mão no bol-

so. Já se ouvem os cliques. Saca 10 reais da carteira.

- Paga aí a minha e a dele - sentença.

É a alforria. Os punhos são relaxados. Dá-se o troco. Livre, o homem pega seus pertences e senta-se sem agradecer a pessoa que lhe pagou a condução. As pessoas ainda observam. Tinha que trazer uma bomba, ainda reclama. Ninguém se importa mais. É a indiferença que os protege. A campainha é acionada. O coletivo para. A pessoa que pagou as passagens agradece ao cobrador e ao motorista com um olhar e desce.

Zaclis Veiga



Caminhos

Noslen Borges

Lanço meu olhar por esta estrada
Deixo ele se perder
Sonho que ao fim dela encontro
O meu destino em você

Banho o meu rosto
Com a essência da saudade
Em lembrar o que pra trás deixei
Quando de ti me separei

Mas encho os meus lábios
Com um doce sorriso
Por tudo o que eu experimentei
No tempo que te reencontrei

Dos caminhos que andei
Pude perceber que mesmo em meio às pedras
Flores podem nascer
Se regadas com o suor do seu amor

Cem Contos Cravados

Edson Rossatto

Zaclis Veiga

Desenhou um coração no guardanapo de papel. Suspirou. Mais um pouco e será tarde para o transplante.

Triste, tuitou "Sinto-me só!". Setenta milhões retuitaram e novecentos mil responderam "Eu também!".

Estava triste, pois não tinha amigos para tomar uma cervejinha. Eva não contava e a cobra era falsa.

De novo, chorou. Diziam que não existe somente um amor na vida, mas vá explicar isso ao seu coração.

Era muito mau caráter. Vendeu a mãe oito vezes e não entregou. Não tinha um pingo de palavra sequer.

Contou um por um. Lágrima. Sentiu-se aliviado. Seu bebê era perfeito; nascera com todos os dedinhos.

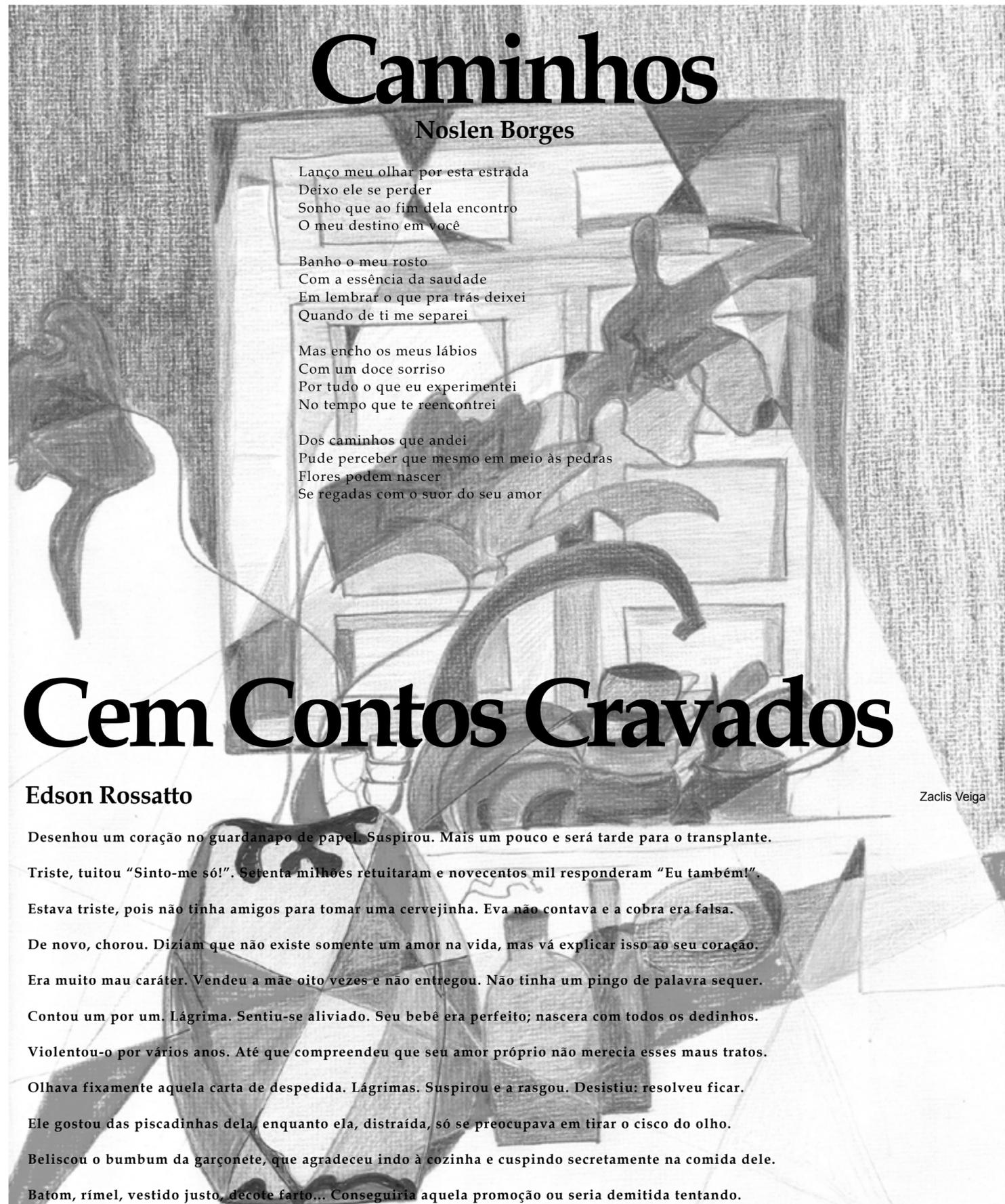
Violentou-o por vários anos. Até que compreendeu que seu amor próprio não merecia esses maus tratos.

Olhava fixamente aquela carta de despedida. Lágrimas. Suspirou e a rasgou. Desistiu: resolveu ficar.

Ele gostou das piscadinhas dela, enquanto ela, distraída, só se preocupava em tirar o cisco do olho.

Beliscou o bumbum da garçonete, que agradeceu indo à cozinha e cuspidando secretamente na comida dele.

Batom, rímel, vestido justo, decote farto... Conseguiria aquela promoção ou seria demitida tentando.



A crônica e o blog

Giovanna Lima

A internet revolucionou os padrões de comunicação como nenhum outro veículo fez até hoje. Todas as plataformas – imagens, sons e textos – encontram-se em um só lugar. E com uma série de vantagens além da praticidade: rapidez, dinamismo, variedade de formatos e de conteúdos.

Inserido nesse contexto multifacetado da Internet, existem os blogs, ferramentas de fácil publicação que ganharam popularidade logo depois de que surgiram, no final da década de 90. Inicialmente, eram tratados como meros diários virtuais. Ao longo dos anos, ganharam força e solidez, tornando-se uma das principais mídias usadas para leitura nos tempos atuais. O panorama da geração de hoje pode ser percebido através de uma análise nos conteúdos dispostos nos blogs. Mas não são somente os blogs que funcionam como um panorama de um tempo.

A crônica, que inicialmente funcionava somente como registro histórico, hoje, tem muitas outras funções, mas continua sendo um objeto de representação de cada época. Para se saber a cultura, os costumes, o palavreado, os ídolos, a cultura de um certo período basta procurar uma crônica referente a tal momento.

Desde o registro histórico até os dias de hoje, a crônica já passou pela mão de diversos escritores (e) jornalistas. Como fonte de sustento ou por próprio prazer, o gênero conquistou pela mistura singular entre literatura e jornalismo.

Muitos dizem que é um gênero mais leve, mas isso não quer dizer superficialidade. A intenção dos cronistas é instigar a reflexão através das en-

trelinhas das situações do cotidiano. A crônica é acima de tudo, um gênero mais livre. E liberdade, tem muito a ver com os jovens. A pós-modernidade abre caminhos para que o jovem desfrute da liberdade.

Assim como a matéria, a reportagem, o artigo de opinião e a entrevista, a crônica pode representar a complexidade do mundo exterior – papel que é inerente ao jornalismo. Outro motivo é o intenso poder de segmentação encontrado nessa ferramenta. Diferente dos veículos da mídia tradicional, o blog não tem pretensão de ser imparcial. Para Raquel Recuero (2003) a personalização gera empatia e debate pelo motivo dos leitores saberem que é a opinião de um indivíduo comum e não uma “fonte todo-poderosa”.

Outra qualidade fundamental do blog é que ele promove uma aproximação entre emissor e receptor. O leitor pode comentar a cada nova publicação. Tal atitude, quando usada com inteligência pelo autor, pode influenciar diretamente na produção de conteúdo e na qualidade do que é publicado.

Enquanto tantos incentivos fazem se intensificar o acesso a internet, a venda dos jornais despenca. Antonio Candido (1980) defende que a crônica é filha do jornal, que somente quando a tiragem começou a ser diária é que efetivamente a crônica surgiu. O veículo que já foi o principal meio de comunicação hoje tem dúvidas se irá sobreviver. Um ponto positivo nessa questão, é que a crônica não perdeu sua consagração. Uma boa parcela dos jornais parece sustentar suas vendas graças aos colunistas (e) cronistas.

Zaclis Veiga

O jogo erótico da leitura

Susan Blum Pessoa de Moura

Algumas pessoas estranham alguém ser tão ciumento com seus livros. Eu, por exemplo, sou uma pessoa que empresta livros (apesar de já ter perdido muitos assim), mas tenho sim ciúmes dos meus livros. Com cada um deles tenho uma relação de amor, desde sua história de compra passando pelas mínimas carícias durante a leitura, até o prazer supremo ao fim do livro (por vezes esse prazer supremo aparece durante a leitura, como orgasmos múltiplos). Mas já estou me adiantando e ejaculação precoce não traz prazer.

Comecemos explicando um pouco sobre a estética da recepção: ela fala da importância do leitor. Acho que todos os elementos são interessantes e devem ser analisados: o autor (sem ele sequer haveria o texto), a obra (sem os editores sequer haveria o livro), o leitor (óbvio... tanto o autor quanto o editor querem e precisam de leitores) e os mundos (o mundo do autor, o mundo dado pelo autor e o mundo que o leitor traz dentro de si. Esses mundos ora se confrontam, ora dialogam, ora se completam, ora distanciam...).

O que me interessa aqui é trazer o prazer do texto (não necessariamente o de Barthes) relacionando com o leitor-cúmplice que Cortázar – entre outros escritores – procura. Cortázar dizia que não queria um leitor que o admirasse, mas sim um que olhasse para o mesmo ponto que ele, como escritor, e que percebesse as várias possibilidades, as várias visões, os vários olhares possíveis de leitura de mundo.

Barthes diferencia o texto de prazer do texto de fruição: mostrando um como uma prática confortável (apenas confirma as ideias do leitor) e outro como um desconforto (pois vai contra as ideias do leitor). Já eu, acredito em vários prazeres: há o prazer de um texto água com açúcar, o prazer de um texto investigativo, o prazer de um livro técnico, o prazer de um livro contrário, e assim por diante. Também encontro prazer naquilo que me desloca, que vai contra certos pensamentos que tenho. Ler é como comer: precisamos variar. Comer sempre pizza ou lasanha (por mais que seja a comida preferida) não dá certo. Precisamos por vezes de uma suculenta fruta ou uma comida exótica. Eu amo brigadeiro, mas não como todo dia (mas quando como,

huuummmmm!!!)..... e Clarice Lispector é o meu brigadeiro. Já Cortázar, por força até da minha pesquisa, é meu arroz com feijão: um pouco todo dia, porém acompanhado de salada (Italo Calvino) em um dia, bife (Kafka) em outro, e assim por diante.

Mas não quero falar aqui de comida, e sim de sexo (apesar de muitos considerarem serem sinônimos). Para haver um bom sexo precisa-se de dois parceiros ativos, que se desejam e que fazem a coisa “acontecer”. Se não a gente cai no “poema” de Fish em que uma relação de nomes na vertical formaram um “poema”. Na minha opinião isso é um orgasmo fingido. Fingimos prazer mas não aconteceu realmente. Ou seja, se o livro não é bom, não dá prazer. E o livro só é bom se o escritor é bom! Os dois parceiros fazem da relação sexual algo bom e prazeroso! Mas isso depende dos dois “jogadores” eróticos. Vamos comparar aos jogos: tem pessoas que são ótimos jogadores de dominó ou damas (e geralmente só lêem escritores que também só sabem jogar dominó ou damas); mas há os que jogam gamão ou xadrez e gostam de ler escritores que também jogam gamão ou xadrez. O segredo? Aprender a jogar outros jogos, desde amarelinha até detetive. Ler Jogo de amarelinha ou 62 modelo para armar de Cortázar; ou ler O caso dos dez negrinhos de Agatha Christie. O importante é não ficar só em um. Variar! Não ter medo de ler coisas diferentes e novas. Quem fica só com Paulo Coelho é tão “bitolado” quanto quem fica só com Clarice Lispector.

Nesta relação não se permite passividade. Quando Cortázar fala do leitor-cúmplice ele critica os que ele chama de “leitor-fêmea” (leitores passivos, que apenas lêem esperando que o prazer venha até eles). Essa expressão foi muito criticada por feministas da época (lembrar que era o ano de 1963), mas um estudo de Cortázar veio em sua defesa: Alberto Cousté. Em um texto chamado “ler é copular”, ele defende a expressão dizendo que a criticaram passando por alto o essencial:

Que não se tratava de uma definição biológica ou consubstancial ao sexo feminino, mas de uma corroboração do papel que (por imposição, mas em certas ocasiões também por conveniência) adotava a mulher na sociedade... (COUSTÉ, 2001, p. 92 – tradução livre do espanhol) E o estudioso continua, afirmando que foi uma chamada que Cortázar fez para que o leitor fosse ativo. Ele afirma que:

Como uma relação sexual entre dois seres humanos – por natureza e definição, mutantes e incompletos – o livro é o lugar do coito, o espaço e o tempo em que a cópula leitor/autor se cumpre e se manifesta e, como ocorre com a sexualidade, cada encontro reinventa e inaugura a experiência: cada corpo (cada livro) é o primeiro lugar, cada fusão de dois corpos (de dois olhares) é a primeira vez. (COUSTÉ, 2001, p. 92 – tradução livre do espanhol)

Assim, sou a favor dessa visão “orgástica”. Há livros que são mais estimulantes que outros, como também há parceiros que são mais prazerosos que outros (e esse estímulo e prazer é pessoal e íntimo. Não podemos garantir que aquele parceiro ou livro dará a alguém o mesmo prazer que nos deu). Por isso quando sugerimos a uma amiga uma leitura que nos agradou muito e ela devolve dizendo que não foi tanto assim, é como se emprestássemos nosso namorado e ela não usufrísse do mesmo prazer que nós.

Para terminar cito algumas expressões que se relacionam com essa visão:

- vocês já devem ter ouvido em algum momento: “desvirginar um livro”;
 - vocês provavelmente – ao se deitar à noite na cama – já levaram dezenas de vezes um livro junto.
 - vocês já devem ter visto (ou ouvido falar) que antigamente os livros vinham com algumas páginas juntas e as pessoas tinham uma espécie de faquinha (fállico), para cortar as páginas coladas, como um membro “rasgando” a virgindade.
- Enfim, coincidência ou não, um livro novo dá vontade de pegar, cheirar, abrir com prazer... livros usados (de sebo) também são bons (seja porque raros ou porque baratos), mas não dá para a gente cheirar como o novo! Ou, em outro exemplo, ler os livros no computador: também não há o mesmo prazer. Veja o namoro virtual e o real: não há comparações!
- Um último exemplo de relação com os livros: Lygia Bojunga escreveu sobre seus amores e a perda de um deles (Rilke afogou-se) em suas lembranças bem narradas, insinuando até uma relação a três. Quem de nós não pode também relatar alguns desses amores perdidos? Eu mesma perdi vários amores que ficaram na casa de um ex-namorado e que ele nunca mais me devolveu.
- Passei rapidamente da estética da recepção, pela comida, pelo jogo, pelo coito, para finalmente concluir que: ... se ler é copular... ao terminar um livro podemos perguntar a nós mesmos: “Foi bom pra você?”

Zaclis Veiga

Clara Novais

É sempre assim. Você acaba com meu humor, no final do dia, de graça. Aí eu grito, esperneio, falo um monte de palavrão e choro um tantão antes de ir dormir. Acordo no dia seguinte e tudo bem. Você volta a falar comigo como se nada tivesse acontecido e, antes mesmo disso, eu já tinha conseguido passar a manhã inteira ignorando o fato de que a noite anterior acabou com a minha raça.

Mas e ontem que eu resolvi, de uma vez por todas, acabar com essa pilha de barraco que a gente acumula desde que eu nasci? Não alterei meu tom de voz nem por um segundo, as lágrimas não ameaçaram descer pelos meus olhos e eu resolvi tudo o que você queria que eu resolvesse, mesmo não sendo nem um pouco a minha vontade, só porque você não botava fé nenhuma de que eu conseguiria. Só para não ter que arcar, mais uma vez, com as consequências que você me impõe. Resolvi, respirei fundo e não chorei, não gritei, muito menos esperneei. Resultado: acordei, hoje, com o maior mau humor do mundo. Antes eu tivesse feito tudo isso e descarregado toda a minha raiva. Mas cansei de passar por louca, uma vez que sou só uma adolescente que não sabe disfarçar os sentimentos e, tudo que sente, sente demais.

Estou ranzinza, incomodada, louca para gritar, esperar, falar um monte de palavrão e chorar um rio em cima do meu travesseiro. Mas eu não vou, não passo mais por isso. Não por você. Aliás, já que ontem eu não lhe dei mais um motivo para você me chamar de descontrolada, hoje você nem tentou falar comigo. Terminou a noite anterior dizendo que minhas

Vou deixar tudo guardado

palavras te deixaram com dor de estômago e que não queria conversar naquela hora. Ainda estou esperando você querer... Mas, ó, amanhã eu não espero mais não. É a vida inteira tentando te agradar. A vida inteira tentando ser alguém melhor, alguém que te dê mais alegrias. O cabelo que nunca tá bonito no seu ponto de vista, a roupa que nunca tá arrumada o suficiente, o brinco que eu não gosto de usar, os três dias no sítio, ao invés dos quatro que você queria. Tento te agradar dentro do que eu sou. Não sei fingir, sou eu mesma escarrada vinte e quatro horas por dias. Mas tento sempre ser um eu que te faça mais feliz. Triste é estar a ponto de concluir que não adianta ser um eu que te agrade. Ser eu, o pouco que seja, nunca te deixará feliz. Você queria mesmo é que eu fosse outra pessoa. E, sinceramente, eu sinto muito, mas, outra pessoa, eu não consigo ser. Nem por você. Então, agora é assim, sem gritos, palavrão, nem chororô. Vou carregar toda a minha raiva nos meus ombros. E, junto com a minha raiva, vou deixar, também recluso, o meu amor.



Camila Rodrigues

Estávamos lá, a falar novamente sobre as peculiaridades dessas gentes miúdas, que têm um gosto esquisito de se provar. 'Lágrimas fáceis' e cabelos sempre desordenados, onde nossas mãos teimam repousar. Gentes que andam sempre na contramão. Que, quando em quando, pisam em flores e andam na grama - aquém dos avisos espalhados salpicados de reprovação, a contar estrelas, no céu parco de sonhos. Sobre os desagradáveis sujeitos a quem dedicamos nossos amores mais sublimes, os quais não compreendem - nessa linha particular - os sinônimos que usamos para demonstrar nosso afeto desconcertante. A estudar a profundidade dos copos e silêncios que ousamos decifrar. Tarefa dispendiosa e tendenciosamente equivocada. A refutar, a questionar súplicas silenciosas que cabem num olhar.

Falávamos sobre o gracejo disfarçado de cumprimento que a barba vinha dar aos seios nus. Que respondiam com um doce arrepio. Da graça, da intimidade. Da lentidão dos beijos que nunca demos naqueles que nunca tivemos. A eterna retórica dos apaixonados, dizia enquanto bebericava mais um gole de café. Apontava o caminho, Eu estava a perguntar sinônimos para as palavras que gostaria de escrever, naquele papel rascunho todo emporcalhado. Como não importar-se com essas gentes miúdas que andam por aí a amar gente impossível? O amigo me chutava a perna, mesa abaixo, para que eu também ficasse a reparar o jeito que se tocavam os gatos, estavam a subir telhados prateados de uma chuva inconstante, interrompendo meu sério discurso sobre astronomia - tema do qual faço mínima ideia do que estou

Petricor

a falar. Afrouxava gravata, apesar do aparente sentimento de deslocamento que as batidas na porta lhe causavam. Um entra e sai incomum para uma segunda-feira. Dizia que o negócio era o seguinte, que eu parasse de ser assim tão eu. Que seria mais fácil gostar de gentes mais fáceis. De gentes descomplicadas. O dedo em riste contamina a ar com os exemplos de outras primaveras. Riamos enquanto comparávamos as ferrugens e ranhuras de nossas decepções. Os casacos começam pesar. A tarde cálida parece apontar um fim de inverno, apesar do cinza escuro que singra os céus. Nada como contrariar um melhor amigo que não se oferece a carregar a bolsa, mas sabe quando colocar a mão em seu ombro e espantar os pássaros da solidão.

BANCA
Zanella
* Jornais * Revistas * Livros
* Recargas de celular * Presentes **41 3031-6594**
Rua Prof. Aleixo Grebos, 210, Fazenda Velha - Araucária - PR
(ao lado do Peritran - próximo à Câmara Municipal)

Rua João Pessoa, 35
Tels: 3642-3690/3031-7040
fiskaraucaria@fiskaraucaria.com.br
www.fiskaraucaria.com.br
FISK ARAUCÁRIA

CARTUCHOS.COM
Recarga especializada em cartuchos
Fone: (41) 3642-8695

Panificadora e Confeitaria
Pão e Vinho
Trabalhamos com livros sob encomenda
(41)3642-3552
Av. Dr. Victor Ferreira do Amaral, 1136 - Centro - Araucária - PR

Depilação me faz divagar

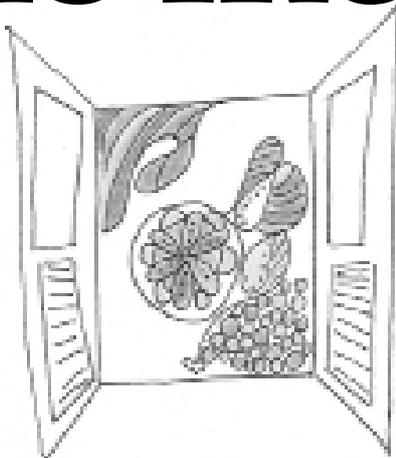
Rafaela Santos

Estava eu lá deitada naquela cama, ou maca, melhor dizendo, e a tortura começou. Sempre me dou ao direito de uma tortura mensal, a depilação. Eu adoro ficar ouvindo o que se fala nas outras saletas, já que as paredes não vão até o final, dá pra ouvir bem as conversas das salas próximas.

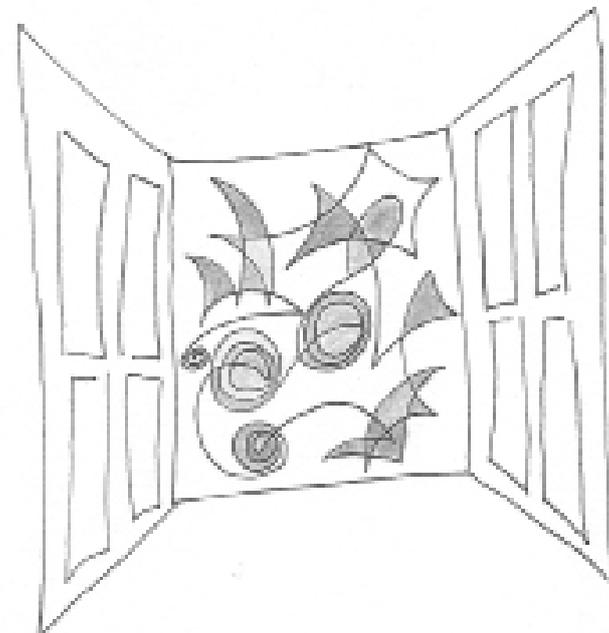
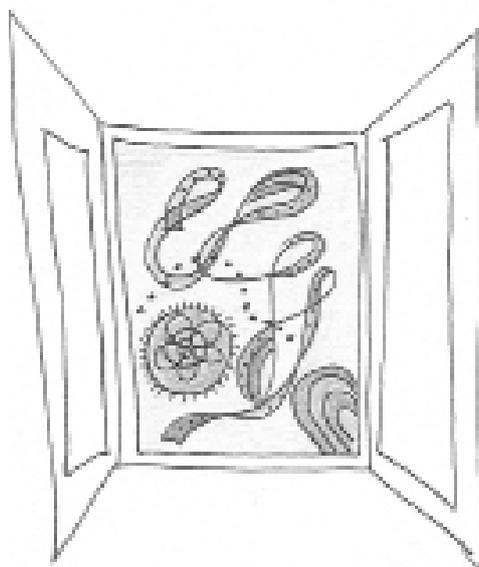
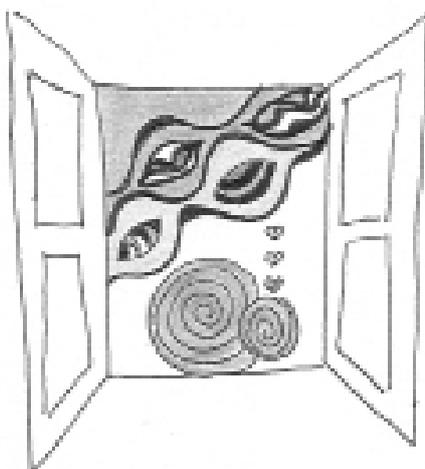
Numa acho que a menina estava grávida porque ela ficava perguntando se a barriga não estava atrapalhando e no final a depiladora desejou uma "boa hora". Numa outra saleta tinha uma masoquista, só pode ser. Ela disse que adora sentir aquela ardência depois que os pelos são arrancados. E aí a depiladora se empolgou, disse que adora sua profissão porque ela deixa as mulheres lindas e poderosas, etc, etc. Ela acha que a mulherada já vem preparada para a tortura, todas sabem que não vai ser algo prazeroso (para a maioria, claro), que vão sentir dor, então "não temos reclamação", disse a torturadora com voz suave.

Bem, e a minha depiladora era super simpática, como todas que já tive. Elas chegam todas sorridentes, acho que elas pensam "ahahahaha, agora você vai ver mocinha! Se passou barbeador nas pernas vai sofrer em dobro por ter me traído com esse método fácil e indolor".

Elas devem achar que eu morro de medo, porque eu não falo muito nessas horas, afinal não dá para desenvolver uma conversa legal com alguém te torturando. Mas acaba logo, em menos de meia hora eu já estava lisinha, lisinha. Agora só mês que vem. Sou dependente da depilação, não vivo sem. Será que sou masoquista também?



Zaclis Veiga



- PASSAGENS AÉREAS
- RESERVAS DE HOTÉIS
- LOCAÇÃO DE VEÍCULOS
- PACOTES TURÍSTICOS
- CRUZEIROS MARÍTIMOS

AGILLE
Viagens & Turismo

PRODUTOS NACIONAIS E INTERNACIONAIS

Tel.: 41 3044.2801 | www.agilleviagens.com.br

Av. Dr. Victor do Amaral, 588 - Loja 13
Shopping ONIX - Araucária / PR

Venha aprender a dançar e divertir-se num grande espaço de lazer.

ESPAÇO Estilo

O Primeiro da Dança

Aulas particulares e Coreografias Para:

Casamentos
Formaturas
Debutantes
Aniversários
Eventos Especiais

Fone: 3642-3334

Rua Dr. Júlio Szymanski, nº 168 - Centro